

ENTRE DUAS GUERRAS: DESCOBERTAS ARQUEOLÓGICAS NO EGITO

BETWEEN TWO WARS: ARCHAEOLOGICAL DISCOVERIES IN EGYPT

Luís Manuel de Araújo

*Professor jubilado da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
luisaraujo@letras.ulisboa.pt | ORCID ...*

RESUMO

O documento assinado em Atenas em 1931, que ficou conhecido por «Carta de Atenas», foi de grande importância para a proteção do património histórico em todo o mundo, com a criação de legislação adequada, criteriosas ações de restauro e novas técnicas de conservação, numa ampla colaboração internacional que hoje prossegue, agora sob a esclarecida e dinâmica proteção da Unesco. O Egito, um dos países mais ricos em monumentos e outros vestígios do passado, acompanhou desde o início as preocupações da reunião e levou à prática as recomendações essenciais contidas na «Carta de Atenas», ficando como exemplo o episódio da descoberta e estudo do túmulo do rei Tutankhamon em 1922.

PALAVRAS-CHAVE

Carta de Atenas | Proteção do Património Histórico | Arqueologia no Egito

ABSTRACT

The document signed in Athens in 1931, which became known as the «Athens Charter», was of great importance for the protection of historical heritage all over the world, providing adequate legislation, careful restoration actions, and new conservation techniques, in a wide international collaboration, still ongoing today, now under the enlightened and dynamic protection from UNESCO. Egypt, one of the richest countries in monuments and other remnants of the past, followed the concerns of the meeting from the beginning and put into practice the essential recommendations contained in the «Athens Charter», with the episode of the discovery and study of the tomb of King Tutankhamon, in 1922, as an example of that.

KEYWORDS

Athens Charter | Protection of Historical Heritage | Archaeology in Egypt

Há noventa anos decorreu em Atenas uma importante reunião internacional dedicada a um tema que na altura se mostrava candente e que de resto se vinha impondo desde o século XIX, o tempo das grandes descobertas arqueológicas, com destaque para o Próximo Oriente, nomeadamente o Egito. Como resultado mais substancial do encontro ficaria um documento conhecido por «Carta de Atenas», que consagra as preocupações de vários países tutelando e mantendo um rico e diversificado património arquitetónico – e essas preocupações já tinham ficado expressas na realização das primeiras conferências internacionais sobre a temática. De facto, os encontros de Bruxelas (1874), Paris (1889) e Haia (1889), abriram caminho para um amplo debate sobre a salvaguarda do património e a proteção dos bens culturais, gerando até a criação de diversas associações nacionais com esse fim, mas só depois da Primeira Guerra Mundial, com a fundação da Sociedade das Nações (1919) é que se reuniram condições para a criação da Comissão Internacional de Cooperação Intelectual, no âmbito da qual se formou, em 1926, o Serviço Internacional de Museus. Foi este organismo que organizou a conferência internacional de Atenas, resultando da importante reunião na capital grega a redação da carta cuja efeméride agora se evoca, tendo as suas conclusões sobre a proteção do património sido reconhecidas numa resolução da Sociedade das Nações em 1932 – com o passar do tempo, e após a Segunda Guerra Mundial, a Sociedade das Nações foi, em grande medida, substituída pela atual Organização das Nações Unidas, e a antiga Comissão Internacional de Cooperação Intelectual vê-se ainda refletida nas meritórias atividades da Unesco.

Depois da expedição napoleónica de 1798-1801, que se revelou um fracasso político-militar mas um sucesso científico, estabelecendo as bases para o aparecimento da egiptologia como ciência, a civilização do antigo Egito passou a ser mais conhecida e admirada, devido aos progressos da filologia (com a ação de Jean-François Champollion), e às descobertas da arqueologia, graças ao pioneirismo do francês Auguste Mariette (o homem da «arqueologia horizontal») e do inglês Flinders Petrie (com a sua «arqueologia vertical»). Auguste Mariette (falecido em 1881) consagrou muitos anos da sua vida a explorar os grandes sítios históricos de Tânis, Guiza, Sakara, Abido, Edfu, Dendera, Tebas, entre outros locais, devendo-se a ele a fundação do Serviço das Antiguidades e do Museu Egípcio do Cairo, nessa altura sediado em Bulak, e que agora se prepara para inaugurar novas e espetaculares instalações em Guiza. O seu sucessor foi Gaston Maspero (falecido em 1916), que continuou a sua obra, com direção de escavações em vários locais e deixando publicados valiosos trabalhos.

Entretanto, sucessivas e bem organizadas missões arqueológicas oriundas da Europa e, mais tarde, dos Estados Unidos, foram chegando ao Egito, sendo de mencionar os trabalhos de campo levados a efeito, já no século XX, por George Reisner (Guiza) e Ludwig Borchardt (Amarna, no sítio da antiga Akhetaton) até ao início da Primeira Grande Guerra, entre outros. As pesquisas intensas no terreno culminaram com dois dos mais espetaculares momentos da egiptologia: a descoberta, no Vale dos Reis, do túmulo intacto de Tutankhamon por Howard Carter (1922), e os túmulos de alguns faraós das XXI e XXII dinastias, em Tânis, por Pierre Montet (1939).

os conflitos, um país sob forte influência inglesa. Uma das regiões que maior interesse motivou, contrastando com um relativo desinteresse que se deteta nos decénios anteriores, foi o Delta nilótico, e é justo referir a atividade meritória de egiptólogos egípcios na região, que tinham estudado em universidades europeias e americanas. Entre eles destaca-se Hakim Abu-Seif, com escavações em Samannud (1924), que também trabalhou no templo de Khonsu (em Lucsor) e esteve envolvido em trabalhos de preservação na Grande Pirâmide de Khufu, no planalto de Guiza [fig.01], no início da Segunda Grande Guerra, na altura em que Alexander Badawi descobriu em Mênfis os túmulos dos sacerdotes de Ptah da XXII dinastia (1940).

Nos tempos faraónicos a úbere região do Delta era densamente povoada e certamente muitas necrópoles foram por lá estabelecidas nas imediações dos aglomerados urbanos, mas a subida das águas do Nilo e dos seus inúmeros canais e as atividades dos *sebakheen* (pessoas que procuram o *sebakh*, antigos tijolos de lama dos quais se produz fertilizante), fazem com que se saiba pouco sobre muitos locais do Baixo Egito. Contudo, em Bubástis, o túmulo do vice-rei de Kuch (Núbia) Hori III, foi acidentalmente descoberto em 1925 por trabalhadores da linha do caminho de ferro. Depois, em 1944, Labib Habachi descobriu o túmulo familiar do pai de Hori, com o mesmo nome. Entretanto em Tânis (San el-Hagar), no Delta Oriental, uma equipa francesa escavava no local desde 1929, e em 1939 Pierre Montet descobriu o que se veio a revelar ser a intacta necrópole de reis da XXI e XXII dinastias. Lamentavelmente, o estudo destes túmulos foi bastante prejudicado devido ao roubo dos armazéns

da expedição em 1943, além de terem aparecido várias contradições inexplicáveis entre os registos escritos de Montet e dos seus colegas, mas muito do espólio deu entrada no Museu Egípcio do Cairo, com realce para as peças achadas no túmulo do rei Psusennes I.

Duas das mais importantes áreas com inúmeros túmulos do antigo Egito são Sakara e Guiza, onde se erguem dezenas de pirâmides datadas do Império Antigo (da III à VI dinastia, um período histórico situado entre c. 2660 e 2200 a. C.). Guiza estava inicialmente dividida, em 1902, entre equipas arqueológicas italianas, austríacas (sob a direção de Hermann Junker) e americanas (lideradas por George Andrew Reisner), as quais trabalharam até ao pós-guerra nos cemitérios situados a este e a oeste da Grande Pirâmide de Khufu. Entre as duas guerras, o egiptólogo egípcio Selim Hassam começou também a trabalhar no local, o mesmo fazendo o alemão Ludwig Borchardt, que antes tinha escavado em Abusir e que depois se mudou para Amarna antes da Primeira Grande Guerra. Foi também de vulto o trabalho de James Quibell em Sakara, descobrindo vestígios do Império Antigo mas também da Época Baixa. Em 1931, embora já retirado das atividades de escavação há muito tempo, ele dirigiu as escavações do complexo da Pirâmide Escalonada do Hórus Netjerikhet Djoser, e por lá ficou até falecer em 1935. A alguns quilómetros para oeste, Abdelsalam Hussein escavou a área perto da pirâmide de Unas, tendo aí encontrado diversos túmulos do Império Antigo, entre eles o do príncipe Ptahchepsés. Também fez escavações na pirâmide de Ilesi em 1945, um pouco mais para sul, juntamente com Alexandre Varille.

ESCAVAÇÕES DE NORTE A SUL

Entre as duas grandes guerras mundiais do século XX muito se alterou em termos de organização e gestão nas ações de salvaguarda do património, tendo o Egito sido um campo de partilha de experiências e melhoria de técnicas de preservação e restauro, levando à prática algumas das recomendações exaradas na «Carta de Atenas». Um dos problemas mais difíceis de ultrapassar, e que ainda em princípios deste século se mantinha, foi o crescimento urbano, devido ao aumento da população, invadindo áreas

de prospeção arqueológica então em curso, ou impedindo que as escavações prosseguissem em zonas densamente habitadas, em especial no delta do Nilo (Baixo Egito).

Os trabalhos arqueológicos, que já vinham do século XIX e que foram parcialmente interrompidos com o eclidir da Primeira Grande Guerra (1914-1918), foram retomados nos anos 20 e 30 do século XX, antes da Segunda Grande Guerra (1939-1945), sendo o Egito, em ambos



Fig 01. O planalto de Guiza, com as três célebres pirâmides que lá se erigiram para os reis Khufu, Khafre e Menkaure, na IV dinastia do Império Antigo (c. 2600-2500 a. C.), local de grandes trabalhos arqueológicos na primeira metade do século XX.

Entretanto, a pouco documentada Época Arcaica do antigo Egito (I e II dinastias), ao longo da qual se estabeleceram as bases para um sólido poder faraônico que iria durar cerca de três milénios, ficou de novo em evidência quando, em 1935, Walter Emery, que escavava a norte da pirâmide de Teti, em Sakara, encontrou o primeiro de diversos grandes túmulos da I dinastia (mastabas reais feitas de tijolo com elementos líticos). A vasta área a sul da Pirâmide Escalonada (no complexo funerário do Hórus Netjerikhet Djoser) também revelou material da Época Arcaica quando foi descoberto outro túmulo da II dinastia, o do Hórus Ninetjer, tarefa que foi dirigida pelo Serviço das Antiguidades em 1937-1939. Entre os túmulos do Império Antigo que incluem os das esposas do rei Unas (V dinastia) estava o túmulo escavado intacto de Amentefnakht, da Época Baixa, descoberto por Zaki Saad em 1939, tendo este egiptólogo egípcio sido responsável pela escavação do cemitério da Época Baixa em Heluan, no lado oposto a Sakara, onde foram encontrados alguns dos mais antigos túmulos de pedra até hoje conhecidos. O arqueólogo inglês Cecil Firth encontrara anteriormente outro túmulo intacto numa área adjacente à pirâmide de Userkat (fundador da V dinastia), em 1929. A parte sul do cemitério de Sakara foi investigada por Gustave Jéquier, entre 1924 e 1936, tendo escavado o monumento conhecido hoje pela designação de «Mastaba Faraoun», duas pirâmides da XIII dinastia e o complexo funerário de Pepi I (VI dinastia), bem como cemitérios de funcionários, mantendo o costume de se fazerem sepultar junto da pirâmide do seu soberano.

Menos espetaculares, mas de igual valor arqueológico, foram as descobertas feitas no Médio Egito em vários cemitérios privados do Império Médio, particularmente as escavações de John Garstang em Beni Hassan, onde se logrou recuperar o conteúdo de quase novecentos túmulos de funcionários e de artesãos. Outros cemitérios do Império Médio estudados neste período incluem Gebelein, Qau el-Kebir (Ernesto Schiaparelli, que também trabalhou no Vale das Rainhas, em Lucsor), Assiut (Ahmed Kamal) e El-Bercha (ainda Ahmed Kamal com uma equipa do Museu de Belas Artes de Boston) entre outros, sendo de referir nesta atividade Guy Brunton, escavando em Mostaguedda e em Matmar de 1928 a 1931.

Com a retirada da equipa alemã na sequência da Primeira Grande Guerra, os trabalhos prosseguiram

na zona de Amarna (a antiga Akhetaton) por egiptólogos ingleses (em especial John Pendlebury e Herbert Fairman, que já tinha escavado em Ermant), mais o egiptólogo de origem holandesa Henri Frankfort, mas ao serviço da Egypt Exploration Society, procurando descobrir o urbanismo do local e a posição dos seus templos e inspecionando a área tumular, tendo os túmulos dos funcionários de Akhetaton sido feitos na zona montanhosa a oriente da cidade (e não, como era tradicional, na margem esquerda do rio, a ocidente). Pela cuidadosa análise das inscrições dessas tumbas rupestres foi possível conhecer os nomes desses zelosos servidores reais. Entre eles está o de Mahu, que era o chefe da polícia de Amarna, Ani, o do secretário do rei, Neferkheperuhersekheper, o do governador da cidade, Meriré, que era sumo sacerdote de Aton, e ainda o do sacerdote pai divino Ai (mais tarde faraó, depois da morte de Tutankhamon), que comandava o corpo de carros de guerra e respetivos cavalos, e em cujo túmulo está a versão mais completa do «Hino a Aton», composto pelo rei Akhenaton.

Abido, situada no Médio Egito, foi um importante e antigo centro de culto do deus Osíris, o qual substituiu um anterior culto local da divindade funerária Khentiamenti, nome que significa «O que está à frente dos Ocidentais» (os defuntos), um epíteto que seria depois exibido por Osíris, cuja cabeça divina, de acordo com a lenda, estava lá sepultada. O sítio é muito rico em vestígios arqueológicos e nele escavaram diversos egiptólogos, desde o século XIX, continuando as atividades de prospeção e de restauro na primeira metade do século XX, já que o local apresenta túmulos de várias épocas, cenotáfios, capelas funerárias e milhares de ex-votos ali deixados por peregrinos vindos das mais diversas partes do Egito. Merece relevo o grande templo-cenotáfio de Seti I, invulgarmente com a forma de um «L», com excelentes baixos-relevos pintados, um cenotáfio osírico (o Osireum) erigido no seu reinado, e o templo funerário vizinho erguido por Ramsés II, continuando essas obras pelo reinado de Merenptah. Um dos mais ativos egiptólogos que lá trabalhou foi Henri Frankfort, que viria a publicar *The Cenotaph of Seti Ist at Abydos*, em dois volumes (1933).

As escavações feitas a partir de 1914 foram bastante afetadas por várias mudanças que então ocorreram, e que foram devidas, entre outros fatores, ao surgimento de um fenómeno de ativo nacionalismo que culminou com o estabelecimento de uma monarquia

nominalmente independente no Egito (em 1922), um relevante evento político e institucional que coincidiu com a descoberta do túmulo de Tutankhamon. Nessa altura gerou-se uma acesa controvérsia entre as novas autoridades egípcias e Howard Carter, o descobridor do túmulo, fenómeno que também se repercutiu noutras áreas de escavações então em curso, e de tudo isso acabou por resultar no estabelecimento de regras mais apertadas, com a balança do poder de decisão a pender para o lado das autoridades egípcias. Um caso sintomático ocorreu com o prestigiado egiptólogo britânico Flinders Petrie, que abandonou o Egito em oposição a essas reformas, mas outras equipas continuaram a trabalhar, e muitas das mais importantes descobertas de túmulos foram feitas nos anos 20 e 30 pela equipa do Metropolitan Museum de Nova Iorque, liderada por Herbert E. Winlock, em Deir el-Medina e no seu cemitério adjacente, incluindo alguns sepulcros intactos.

Mais para sul, na vasta região de Lucsor, continuaram os trabalhos arqueológicos que já vinham do século XIX, tanto na margem direita, ou Lucsor Oriental (templos amonianos de Karnak e de Lucsor), quer na margem esquerda, ou Lucsor Ocidental (na necrópole real, mais conhecida como Vale dos Reis, e nas necrópoles de funcionários, por vezes designadas como «Vale dos

Nobres», uma alusão imprópria porque não se trata de um vale nem esses túmulos foram feitos para «nobres»). Ainda em Lucsor Ocidental ficam importantes sítios históricos e arqueológicos, como os templos funerários erigidos por faraós do Império Novo (merecendo especial menção o da rainha-faraó Hatchepsut, e o de Ramsés III em Medinet Habu), e o Vale das Rainhas (destacando-se aqui o túmulo de Nefertari), além da grande vila operária de Deir el-Medina, a cargo de equipas francesas, destacando-se ali a proveitosa atividade de Bernard Bruyère juntamente com o egiptólogo checo Jaroslav Cerny. Outras áreas da região de Lucsor (Tod e Medamud) mereceram a atenta visita prospetiva de vários egiptólogos, tanto de origem estrangeira como egípcios, com destaque para Étienne Drioton em Medamud, nos anos 20 [fig.02].

Entre Lucsor e Assuão prosseguiram trabalhos de escavação e restauro em Esna e em El-Kab (zona da antiga Nekhen), com o egiptólogo belga Jean Capart, a que juntam as ações levadas a cabo nos templos de Edfu, de Kom Ombo e na ilha de Filae, em Assuão, que nessa altura ficava com os seus monumentos meio submersos no período da cheia nilótica (entre os meses de junho e setembro), antes da inauguração da Grande Barragem de Assuão, em 1970.



Fig 02. Vista parcial do Vale dos Reis, em Lucsor Ocidental, com alguns túmulos numerados na sigla inglesa KV (King's Valley). O de Tutankhamon é o KV 62, mais o de Ramsés VI (KV 9), Amenmesés (KV 10), Ramsés I (KV 16), Seti I (KV 17), Merenptah (KV 8) e Ramsés II (KV 7).

O PRINCIPAL ACHADO: O TÚMULO DE TUTANKHAMON

Sobre o túmulo de Tutankhamon e o impressionante espólio lá encontrado já muito se disse e escreveu, mas continua ainda a ser um mistério o facto de ele ter sido o único túmulo do Vale dos Reis a ser encontrado intacto – ou quase, porque na verdade os ladrões já tinham tentado roubar o precioso recheio da tumba real (KV 62). Contudo, se não fosse a descoberta do túmulo e o conhecimento das muitas riquezas nele encontradas Tutankhamon seria apenas um insignificante nome nas nossas listas de faraós, mas com o espetacular achado ele é hoje um dos reis mais famosos do antigo Egito [fig.03].

Acredita-se que o pai foi Akhenaton e a mãe seria Kia, uma esposa secundária do rei, a qual aparece escassamente representada em imagens muito incompletas que sobreviveram às destruições a que a antiga Akhetaton (hoje Amarna) foi sujeita. Não se

sabe muito da vida e do reinado de Tutankhamon, o qual era ainda uma criança, com 8 ou 9 anos, quando subiu ao trono das Duas Terras, tornando-se assim um deus, Hórus vivo, após o curto reinado do indocumentado rei Semenkharé, sendo provável que as decisões fossem tomadas por outros, certamente pelo influente áulico e sacerdote pai-divino Ai e pelo general Horemheb (os quais lhe viriam a suceder depois). Um dos primeiros atos oficiais em relação ao pequeno príncipe, no final do período amarniano, foi a alteração do seu nome, deixando de ser Tutankhaton (um nome que significa «Imagem viva de Aton») e passando a chamar-se Tutankhamon («Imagem viva de Amon»). Depois a corte abandonou a efémera Akhetaton antes do final do segundo ano de reinado e transferiu-se para Mênfis, não para Tebas, onde, entretanto, o grande templo de Amon tinha sido reaberto e o seu maltratado clero readquirira a sua perdida influência.

TUTANKHAMON Um túmulo intacto (1922)



Fig 03. Máscara funerária de Tutankhamon, rei da XVIII dinastia do Império Novo (c. 1333-1323 a. C.), feita de ouro e pedras semipreciosas, com um dos três sarcófagos antropomórficos descobertos por Howard Carter em novembro de 1922 no Vale dos Reis.

Data do reinado de Tutankhamon uma grande estela, colocada no templo de Karnak, onde é anunciado o restauro dos templos e dos cultos dos deuses que Akhenaton desprezara, tendo essa estela sido mais tarde usurpada por Horemheb quando este se tornou faraó. Para além desta importante decisão política, Tutankhamon foi um faraó insignificante, tornando-se conhecido hoje porque o seu túmulo foi encontrado praticamente intacto no Vale dos Reis por Howard Carter em 1922.

Pensa-se que o jovem faraó foi ali sepultado porque faleceu demasiado cedo, de morte violenta julgam alguns, ou por doença como outros pensam, após nove anos de reinado, e a sua sepultura ainda não estava então concluída. O túmulo, que consiste em quatro pequenas câmaras, destinava-se não a ele mas ao alto funcionário Ai, o seu sucessor no trono, que terá ocupado o túmulo KV 23 inicialmente previsto para Tutankhamon.

Theodore Davis, que antes da concessão do terreno cemiterial do Vale dos Reis feita a Carnarvon e das pesquisas de Howard Carter tinha escavado no sítio, estava convencido que o túmulo de Horemheb (KV 57), que ele encontrara e estudara em 1908, teria sido usurpado por este a Tutankhamon. Sendo assim, não valia a pena estar a procurar na árida zona a tumba do jovem e insignificante herdeiro de Akhenaton, porque já estava descoberta, embora tivesse servido de sepultura a outro faraó. E tanto assim era, que o esforçado Theodore Davis veio a publicar, em 1912, três anos antes da sua morte, um grande volume intitulado *The Tombs of Harmhabi and Touatânkhamanou*, onde as formas adulteradas dos nomes dos reis refletiam a indefinição da onomástica faraónica naquele tempo.

Mas Davis estava enganado, como se veio a provar, dez anos depois da edição do seu livro, graças à persistência de Howard Carter, o qual tinha começado por ser desenhador ao serviço do prestigiado egiptólogo Flinders Petrie nas escavações de Amarna (1892), e depois com Édouard Naville em Deir el-Bahari (1893-1899), tornando-se inspetor-chefe do Serviço das Antiguidades. Após ter deixado este cargo, dedicou-se à tarefa de guia turístico, na altura com muita clientela, mas continuou a desenhar e a pintar aquarelas, até ser contratado por lorde Carnarvon em 1909 para trabalhar no Vale dos Reis – e eis que chegou o ano de 1922, quando descobriu o túmulo de Tutankhamon que ele procurava com afã.

Desde 1917 que Howard Carter insistia em certas áreas centrais do Vale dos Reis, em especial junto de algumas covas onde tinham sido encontrados materiais relacionados com as cerimónias de sepultamento de Tutankhamon. Aparentemente tudo tinha sido escavado com o maior cuidado, mas... existia um conjunto de ruínas de antigas habitações, perto da entrada do túmulo de Ramsés VI (KV 9), construídas na XX dinastia para alojar os trabalhadores da necrópole real. Carter deu ordens aos seus operários para limparem aquela área, removendo a montanha de detritos que lá se amontoara – e era ali que estava a escadaria de entrada para o túmulo tão ansiosamente procurado. No dia 3 de novembro de 1922 demoliram-se as casas decrépitas e no dia seguinte apareceu um degrau, depois outro...

Escavando pressurosamente Carter chegou a uma porta selada, onde viu intacto o selo oficial da necrópole. Então voltou a entulhar as escadas de acesso e telegrafou a Carnarvon, ficando a aguardar que ele chegasse de Inglaterra. Só depois se procedeu à abertura da porta, a qual tinha vestígios de ter sido forçada – os ladrões de túmulos já tinham visitado o local na Antiguidade. Mas quando? E o que teriam levado?... Só depois as interrogações vieram a ter resposta, concluindo-se que após a tentativa de assalto as autoridades da necrópole voltaram a fechar a porta, selando-a. Aberta a passagem os trabalhadores retiraram durante alguns dias a grande quantidade de pedras que enchia por completo um corredor com cerca de dez metros de comprimento, após o que apareceu outra porta selada. No decurso do trabalho de limpeza da passagem subterrânea foram aparecendo objetos com os nomes de alguns faraós da XVIII dinastia que tinham reinado antes de Tutankhamon: Akhenaton, Tutmés III, Amen-hotep III, e até o insignificante Semenkharé. Afinal poderia não ser um túmulo mas sim um esconderijo ou um depósito – e qualquer destes cenários já era conhecido dos egiptólogos que escavavam desde há alguns anos no Vale dos Reis.

Quando Carnarvon chegou, foi com Howard Carter até à entrada do túmulo, de novo desentulhada até à segunda porta selada, para finalmente se saber o que lá se encontrava. Com eles estava a filha do lorde, Evelyn, e Arthur Callender, arquiteto e engenheiro, que viria a ser muito útil nos trabalhos de desmontagem de alguns materiais delicados como os santuários de madeira dourada que protegiam os sarcófagos.

Perante a ansiedade geral, Carter forçou uma pequena abertura com uma barra de ferro, com o tamanho suficiente para poder espreitar para dentro de um túmulo que ninguém via há mais de três mil anos.

Sigamos agora a descrição de C. W. Ceram: “Com um movimento nervoso, Carter riscou um fósforo, acendeu uma vela e chegou-a ao buraco. A mão tremia-lhe. Quando, fremente de esperança e de curiosidade, aproximou a cabeça da abertura, para finalmente fazer uma ideia do que havia no outro lado, o ar quente que vinha do interior fez vacilar a chama. No primeiro instante, Carter não pôde distinguir nada, mas quando os seus olhos se habituaram à luz indecisa, quando começou a entrever os contornos, depois as sombras e as primeiras cores, vendo enfim cada vez mais nitidamente o que escondia a segunda porta selada... não soltou qualquer exclamação de entusiasmo: ficou mudo! Para aqueles que aguardavam a seu lado, o tempo decorrido era uma eternidade. Incapaz de suportar mais a incerteza, Carnarvon acabou por perguntar:

– Vê alguma coisa?

Howard Carter virou-se devagar e respondeu com voz profundamente comovida:

– Sim, coisas maravilhosas!” (Ceram, 2015).

No dia 17 de dezembro foi aberta a segunda porta e instalada uma lâmpada elétrica na antecâmara. A sala, com cerca de 30 metros quadrados, estava repleta com os mais variados objetos, vasos, cofres, estátuas, cestos, camas, esquifes, etc. E tudo se encontrava com aspeto de total desarrumação, provando que os ladrões lá tinham estado milénios antes. Ao lado da antecâmara havia uma sala mais pequena (com uns 12 metros quadrados) atulhada de coisas numa grande confusão. Os larápios tinham nela entrado, levaram o que quiseram e deixaram o recheio da sala num pandemónio. A conclusão era óbvia: as autoridades da necrópole real tinham arrumado as peças da antecâmara e deixado as da câmara lateral como estavam. Foi um trabalho demorado e difícil a inventariação e o transporte das peças para fora do túmulo, tarefa que se iniciou precisamente um ano depois, a 16 de dezembro de 1923. O túmulo da rainha Tié, situado nas proximidades do de Tutankhamon, serviu de laboratório fotográfico, e o de Seti II de laboratório de análises químicas, onde

trabalhavam especialistas que desde os primeiros momentos ofereceram a sua colaboração a Howard Carter. Foi igualmente utilizado o túmulo de Ramsés VI para os trabalhos de inventariação. O túmulo de Ramsés VI, situado alguns metros mais acima, parecia ser a explicação para que o modesto túmulo feito à pressa para Tutanhamon tivesse sobrevivido quase intacto: não só a imensa quantidade de detritos retirados do interior da montanha durante a escavação do túmulo de Ramsés VI desabou sobre a entrada para o túmulo de Tutankhamon (falecido duzentos anos antes) como tinham sido lá construídas as casas para abrigo dos operários. Outra explicação plausível poderá ser a de que os ladrões tinham mais que fazer na sua ilícita atividade: o que eles queriam ter era o recheio, certamente magnífico e bastante superior, dos túmulos dos grandes faraós, como Tutmés III, Amen-hotep III, Seti I, Ramsés II, Ramsés III, entre outros, e não o espólio de um obscuro rei com um túmulo pequeno, modesto, acanhado e miserável.

As «coisas maravilhosas» que Carter anunciara eram incontáveis: só na antecâmara estavam cerca de setecentas peças, que tiveram de ser removidas com o maior cuidado, sendo todas fotografadas por Harry Burton, que trabalhava para o Metropolitan Museum of Art, de Nova Iorque, mas que se colocou ao serviço de lorde Carnarvon e Carter. Entre elas avultava o trono real, com um espaldar maravilhosamente decorado, que Carter consideraria ser a peça mais preciosa vista até então. Nessa altura ainda não se tinha chegado à câmara sepulcral e nem se sabia que havia outra sala anexa chamada «câmara do tesouro». Só meses depois seria aberta uma terceira porta selada, guardada por duas estátuas negras com decorações em ouro (o *ka* do faraó), e, ultrapassando-a, passou-se à sala seguinte, onde estavam quatro urnas de madeira dourada, sucessivamente encaixadas umas nas outras, a maior das quais com grandes dimensões: 5 metros de comprimento, 3,30 metros de largura e 2,70 metros de altura. Como a sala tinha 25 metros quadrados, o conjunto sepulcral ocupava quase todo o espaço.

Carter abriu a primeira urna, a qual não estava selada. A porta da segunda urna exibia um selo intacto no trinco: ali de certeza ninguém tinha mexido desde há mais de três mil anos. Sabia-se agora que o corpo amortalhado naquele magnífico conjunto era o de Tutankhamon.

Ao lado havia uma pequena sala, a câmara do tesouro, recheada de preciosidades. Ao centro dessa nova sala estava o santuário dourado contendo os vasos com as vísceras do rei. Depois se veria que, ao contrário do habitual, os vasos de vísceras continham pequenos sarcófagos antropomórficos de ouro, cada um deles conservando o estômago, os intestinos, o fígado e os pulmões de Tutankhamon.

Lorde Carnarvon não assistiu à abertura das urnas, tendo morrido em abril de 1923, devido à picada de um mosquito no rosto. Com este fatídico acontecimento se foi espalhando a grosseira crença da chamada «maldição do faraó», uma crença que se manteve por bastantes anos, tendo contado com a preciosa ajuda e convivência de revistas e jornais ávidos de notícias sensacionalistas e preocupados com o aumento das suas vendas. A morte de Carnarvon veio trazer alguns problemas, pois era a ele que estava atribuída a concessão para efetuar pesquisas no Vale dos Reis. Surgiram questões complicadas de carácter administrativo e burocrático, sem a resolução das quais o trabalho no túmulo não podia continuar. O governo egípcio interveio diretamente na delicada questão, dada a espantosa riqueza do achado, e as negociações para a prorrogação da concessão e partilha dos achados foram difíceis e melindrosas. Finalmente chegou-se a um acordo, e os trabalhos prosseguiram, sob a direção de Carter, ajudado por especialistas de renome. No Inverno de 1926, removidos todos os objetos da antecâmara e da pequena sala lateral, foram desmontadas as grandes urnas douradas, ficando então à vista uma nova urna de quartzito amarelo coberta por uma lousa de granito. Algumas individualidades egípcias e cientistas de vários países estavam presentes quando um guindaste levantou a custo a tampa da última urna. Apareceram então vários lençóis de linho e, debaixo destes, o grande sarcófago antropomórfico representando Tutankhamon. Assim o descreveu Carter:

“A peça de ouro brilhava como se tivesse acabado de sair do estúdio do escultor. A cabeça e as mãos tinham uma forma perfeita: o corpo era trabalhado em relevo plano. Nas mãos cruzadas segurava as insígnias reais: o báculo e o leque marchetados de faiança azul. O rosto era de ouro puro, os olhos de aragonite e obsidiana, as sobrancelhas e as pestanas de vidro e lápis-lazuli. Aquele rosto colorido, estático, parecia ao mesmo tempo ter vida” (Carter, 1977).

Ora dentro do primeiro sarcófago estava outro, de madeira revestido a folha de ouro. Havia ainda um terceiro, o mais valioso, como reconheceu Carter: “O terceiro sarcófago, com um metro e oitenta e cinco centímetros de comprimento, era de lâminas de ouro com dois e meio a três e meio milímetros de espessura, inestimável só em valor material” (Carter, 1977). O seu peso excedia os cem quilos. Aberto o último sarcófago, surgiu a múmia do faraó, coberta na cabeça e no peito por uma máscara de ouro que reproduzia as feições juvenis do morto.

O mau estado em que a múmia se encontrava constituiu uma grande desilusão para os descobridores do túmulo. Devido ao excesso de unguentos, a múmia apresentou-se aos olhos dos investigadores num estado lastimoso, dificultando a tarefa do anatomista Douglas Derry. Perante este facto se conclui que, paradoxalmente, a atividade dos larápios não deixou de ser meritória: as múmias roubadas ao longo dos tempos conservaram-se muito melhor que a de Tutankhamon, porque os ladrões, ao espoliarem os corpos dos defuntos das muitas joias que por vezes se escondiam nas faixas de linho que os envolviam, aliviavam-nos ao mesmo tempo do efeito corruptor dos unguentos. Apenas o rosto e os pés de Tutankhamon se revelaram, de certa forma, «apresentáveis», por não terem estado em contacto direto com os óleos usados na preparação da múmia real aquando do embalsamamento, certamente os sacerdotes de Amon, laborando sob as ordens de Ai, o herdeiro que superintendeu nas cerimónias fúnebres, e que tem a sua imagem pintada numa das paredes do túmulo real procedendo, em frente do Osíris Tutankhamon, ao decisivo ritual da abertura da boca (*uep-ra*).

O corpo do jovem faraó, tão precocemente falecido, estava coberto por muitas joias, mas, curiosamente, junto da coxa esquerda encontrava-se uma adaga de ferro, e outra arma idêntica tinha sido colocada sob a nuca do rei. O ferro era nessa época um metal valiosíssimo pela sua raridade, e assim se compreende que num túmulo cheio de ouro as únicas peças de ferro do espólio tumular se encontrassem junto do corpo de Tutankhamon. Na cobertura da cabeça estava gravada uma inscrição com o nome de Aton, demonstrando que a passagem do poder após a morte de Akhenaton tinha decorrido sem perturbações de monta.

Por outro lado, a análise dos objetos do túmulo de Tutankhamon proporcionou uma salutar cooperação entre vários cientistas, dado que durante os anos de classificação e estudo diversos especialistas deram o seu contributo, numa ativa e profícua interdisciplinaridade de que muito veio a beneficiar a egiptologia. Algumas das questões levantadas pela análise de vários objetos do túmulo ainda se mantêm por esclarecer na sua totalidade: uma peça-chave para aclarar as dúvidas sobre a identidade de Neferneferuaton Semenkharé é um conjunto de sarcófagos miniaturais para guardar as vísceras de Tutankhamon, percebendo-se que eles não se destinavam a este rei, foram feitos para um faraó anterior, mas foram reutilizados. Outros objetos demonstram que nomes anteriores foram rasurados e substituídos, incluindo um dos três sarcófagos onde estava fechada a múmia do rei. Todas as cartelas anteriores tinham sido usurpadas, mas alguns vestígios dos nomes originais são visíveis em vários locais, como foi o caso de um nome encontrado num dos objetos mais notáveis do túmulo: a magnífica máscara funerária de ouro que cobria a cabeça do rei. Os investigadores descobriram lá os nomes de Ankhheperuré Neferneferuaton, uma sonora locução onomástica que era, possivelmente, um dos nomes da célebre rainha Nefertiti.

CONCLUSÃO

As mais espetaculares descobertas arqueológicas do século XX no Egito, no período entre as duas grandes guerras foram sem dúvida o túmulo de Tutankhamon, no Vale dos Reis (1922) e os túmulos de Tânis (1939). Mas hoje, se bem que com menos espetacularidade, não cessam as descobertas de túmulos e sarcófagos, de estelas e outros monumentos, e todos os anos (para não dizer todos os meses), os meios de comunicação noticiam, por vezes de forma exagerada, os achados constantes no país do Nilo. Em muitos casos, mais do que descobrir novos objetos impõe-se agora preservá-los, e certas zonas arqueológicas de grande impacto nos meios científicos, e até mesmo entre o grande público, continuam a merecer atenção: um exemplo, entre muitos, é o estudo intensivo das zonas piramidais, de Guiza, Sakara, Abusir, Meidum e Dahchur, cada vez

Os trabalhos de remoção e inventariação dos objetos prolongaram-se por dez anos, com certas peças a exigirem um extremo cuidado no seu manuseamento devido à fragilidade dos materiais; outras, pelo seu peso, tamanho e forma, dificultaram a tarefa do transporte para fora da pequena tumba. Algumas peças já tinham causado problemas quando há mais de três milénios foram postas nos locais onde viriam a ser encontradas: devido às grandes dimensões tiveram de ser serradas pela equipa funerária para que pudessem entrar no túmulo através do apertado corredor de acesso.

O prodigioso achado manteve durante largos meses os seus descobridores e os vários colaboradores ocupados na inventariação das «coisas maravilhosas» que iam sendo retiradas do túmulo, dando um total de cerca de cinco mil peças, para seguirem para o Museu Egípcio do Cairo, onde agora estão expostas, se bem que algumas tenham ficado nas reservas. Neste momento, estando prestes a ser inaugurado o novo Grande Museu Egípcio, situado na zona caiota de Guiza, ali mesmo à vista das pirâmides, parte do valioso espólio achado no túmulo de Tutankhamon já foi transferido para as suas novas, modernas e mais dignas instalações, para que possa continuar a ser visto e admirado pelos milhões de visitantes que todos os anos demandam o país do Nilo.

mais com o recurso a novos métodos tecnológicos, como a robótica e a informática.

No decurso da segunda metade do século XX o número de áreas de escavação e de instituições empenhadas no estudo aumentou consideravelmente, apoiando os trabalhos dos novos egiptólogos egípcios como Akmed Fakhry, Kamal el-Mallakh, Hafez Abd el-Al, Nabil Swelim, Ali el-Khuli, Selim Hassan e Saied Tawfik, entre outros, os quais, na longa esteira de egiptólogos europeus e americanos, trabalharam em várias zonas arqueológicas, onde ainda hoje se mantêm equipas estrangeiras da Europa e dos Estados Unidos. Entre as instituições presentes no terreno com os seus investigadores e os seus recursos, que já vêm do século XIX ou da primeira metade do século XX, estão o American Research Center in Egypt (ARCE),

o Deutsches Archäologisches Institut, Abteilung Kairo (DAI), a prosseguir a benéfica ação da antiga Deutschen Orientgesellschaft, a Egypt Exploration Society (EES), continuadora das atividades do Egypt Exploration Fund, o Institut Français d'Archéologie Orientale (IFAO) e a Mission Archéologique Française à Saqqara (MAFS), entre outras. Quanto aos diversificados estabelecimentos universitários refira-se o University College (Londres), a Universidade do Cairo, a Universidade da Pensilvânia, a Universidade de Yale, a Universidade de Genebra, a Universidade da Califórnia, a Universidade de Hanover, a Universidade de Berlim, e, mais recentemente, a Universidade Waseda (Tóquio), além de outras. Quanto a equipas financiadas por museus mencione-se as do Royal Ontario Museum (Canadá), Metropolitan Museum of Arts (Nova Iorque), Harvard Museum of Fine Arts e Museu Nacional da Escócia. É ainda de sublinhar a presença do Oriental Institute (Universidade de Chicago) e a ativa participação do Conselho Supremo de Antiguidades do Egito, herdeiro do antigo Serviço das Antiguidades do Egito, criado por Auguste Mariette em meados do século XIX.

E assim, a arqueologia prática, que no terreno continua a dar frutos com descobertas que todos os anos se renovam, e que também prossegue uma desejável ação de preservação dos monumentos, é bem complementada pelos estudos teóricos que muitas universidades, dentro e fora do Egito, mantêm. Tendo em conta a situação atual, e recordando a atividade de prospeção que já vem desde o século XIX, recordemos, a este propósito, a lapidar conclusão do experiente arqueólogo Luís Raposo: "Afinal, se há mensagem a reter é a de que a relação entre arqueologia e antigo Egito sempre constituiu um "casamento feliz", onde ambos se entrelaçaram harmoniosamente e geraram profícua prole, seja sob a forma de teorias e métodos, seja sob a forma de conhecimentos positivos, dando voz a pedras mudas, que outrora apenas motivavam o olhar de antiquários" (Raposo, 2001).

Afinal de contas, direta ou indiretamente influenciados pela fundamental «Carta de Atenas», os egiptólogos

foram compreendendo e, mais importante ainda, foram levando à prática, as recomendações saídas da reunião internacional de 1931 na capital grega, seja no âmbito da administração e da legislação concernente aos monumentos históricos (que era o ponto II das conclusões da carta), seja no empenho de valorização dos monumentos (o ponto III). Também o ponto IV da referida carta ateniense chamava a atenção para o uso criterioso dos materiais usados em ações de restauro, tendo sido aprovada a utilização sensata de todos os recursos da técnica moderna, muito especialmente do betão armado. E tendo em conta que, já nos anos 30 do século passado, os bens culturais do mundo inteiro se encontravam cada vez mais ameaçados pelos agentes atmosféricos, a conferência alertava para a degradação dos monumentos (ponto V), recomendando a colaboração, em cada país, dos conservadores dos edifícios antigos com relevância histórica e dos arquitetos com os representantes das ciências físicas, químicas e naturais, para conseguir alcançar métodos aplicáveis aos diferentes casos, pedindo ainda ao Conselho Internacional de Museus que se mantivesse sempre ao corrente dos trabalhos empreendidos em cada país sobre estas matérias, e que se lhes desse o devido lugar nas suas publicações. Os pontos restantes foram dedicados às técnicas de conservação (ponto VI) e à imperiosa conservação dos monumentos antigos, contando com uma desejável colaboração internacional (ponto VII). No essencial, pode-se concluir que o Egito, cioso da sua brilhante e longa história, desde a distante época faraónica à mais recente época islâmica, correspondeu às prementes solicitações redigidas na «Carta de Atenas». Note-se, a terminar, que o conhecimento teórico-prático e o empenhamento nos trabalhos de escavação no terreno ficaram depois mais alicerçados na sequência da conferência internacional realizada no Cairo em 1937, subordinada à temática «A técnica da escavação», tendo-se então procedido a uma sistematização do que deveria constituir a sequência mais correta de um qualquer percurso de pesquisa no terreno: a escolha da documentação preliminar em primeiro lugar, a prospeção depois, e a escavação finalmente.

BIBLIOGRAFIA

ADAMS, William – *Nubia: Corridor to Africa*. Princeton: Princeton University Press, 1977.

ARAÚJO, Luís Manuel de – *O Egito Faraónico. Uma civilização com três mil anos*. Lisboa: Arranha-céus, 2015.

_____ – *Os Grandes Faraós do Antigo Egito*. Lisboa: A Esfera dos Livros, 2011.

_____ – *Os Grandes Mistérios do Antigo Egito*. Lisboa: A Esfera dos Livros, 2017.

AUFRÈRE, Sydney; GOLVIN, Jean-Claude; GOYON, Jean-Claude – *L'Égypte Restituée. Sites, Temples et Pyramides de Moyenne et Basse Égypte. De la naissance de la civilisation pharaonique à l'époque gréco-romaine*. Paris: Éditions Errance, 1997.

BAINES, John; MÁLEK, Jaromír – *Atlas of Ancient Egypt*. Oxford: Phaidon Press, 1981.

BIETAK, Manfred – “Avaris, Tell el Dab’a”. *Les Dossiers d'Archéologie*, 213, L'Égypte du Delta: Les Capitales du Nord, Fontaine-lès-Dijon, 1996, 16-23.

BROCK, Edwin – *Les Temples d'Abou Simbel. Maison de Ramsès II et Nefertari*, Cairo: The Palm Press, 2006.

CANHÃO, Telo Ferreira – “Kom Ombo: o antigo domínio de Sobek”, in *Arte Pré-Clássica*. Lisboa: Instituto Oriental da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2007, pp. 259-278.

CARTER, Howrad; MACE, Arthur C. – *The Discovery of the Tomb of Tutankhamen*. Nova Iorque: Courier Dover Publications, 1977 (reedição da edição de 1927).

CERAM, C. W. – *Deuses, Túmulos e Sábios*. Lisboa: Cavalo de Ferro, 2015.

EL-DIN, Nur ; EL-HALIM, Abd – “La Basse-Égypte”. *Dossiers d'Archéologie*, 213, Dijon: Éditions Faton, 1996, 2-5.

EL-SAGHIR, Mohammed; HEGAZI, El-Sayed; GOYON, Jean-Claude; GOLVIN, Jean-Claude – *Guide de Karnak*. Paris: Presses du Centre National de Recherche Scientifique, 1989.

DODSON, Aidan ; IKRAM, Salima – *The Tomb in Ancient Egypt*. Cairo : The American University in Cairo Press, 2008.

FAUVEL, Jean-Jacques ; MEEKS, Dimitri ; FAVARD, Christine ; FOUQUET, Alain – *Égypte, le Nil Égyptien et Soudanais du Delta à Khartoum*, Les Guides Bleus. Paris: Hachette, 1982.

FRANKFORT, Henri – *The Cenotaph of Seti Ist at Abydos*, 2 vols. Londres : The Egypt Exploration Society, 1933.

GOYON, Georges – *La Découverte des Trésors de Tanis, Aventures Archéologiques en Égypte*. Paris: Éditions Persea, 1987.

HALL, Aline Gallasch – “Karnak”, in *Dicionário do Antigo Egito*. Lisboa: Editorial Caminho, 2001, pp. 474-480.

_____ – “Lucsor”, in *Dicionário do Antigo Egito*. Lisboa: Editorial Caminho, 2001, pp. 519-522.

HOBSON, Christine – *Exploring the World of the Pharaohs. A Complete Guide to Ancient Egypt*. Londres: Thames and Hudson, 1987.

KAMIL, Jill – *Luxor. A guide to ancient Thebes*, 3.ª edição. Londres, Nova Iorque: Longman, 1983.

_____ – *Upper Egypt. Historical outline and descriptive guide to the ancient sites*. Londres, Nova Iorque: Longman, 1983.

_____ – *Sakkara. A Guide to the Necropolis of Sakkara and the Site of Memphis*. Londres, Nova Iorque: Longman, 1984.

KEES, Hermann – *Ancient Egypt. A Cultural Topography*. Chicago, Londres: University of Chicago Press, 1977.

KEMP, Barry J.– “Abydos”, in Wolfgang Helck; Eberhard Otto (eds.) – *Lexikon der Ägyptologie*, I, Wiesbaden: Otto Harrassowitz, 1975, cols. 27-42.

KOENIG, Yvan – “Deir el-Medineh et sa Nécropole”. *Les Dossiers d'Archéologie*, 149-150, Fontaine-lès-Dijon, maio-junho 1990, 80-87.

LAUER, Jean-Philippe – *Saqqarah. La Nécropole Royale de Memphis*. Paris: Éditions Tallandier, 1977.

LEBLANC, Christian – *Ta Set Neferou: Une nécropole de Thèbes-Ouest et son histoire*, I - Géographie: Toponymie historique de l'exploration scientifique du site. Cairo: Nubar Printing House, 1989.

LECLÈRE, François – “La ville de Saïs à la Basse Époque”. *Égypte, Afrique & Orient*, 28, Centre Vauclusien d'Égyptologie, Avignon, fevereiro 2003, 13-38.

LEHNER, Mark – *The Complete Pyramids*. Londres: Thames and Hudson, 1997.

MURNANE, William – *United with Eternity. A Concise Guide to the Monuments of Medinet Habu*. The Oriental Institute, Chicago, Cairo: University of Chicago, The American University in Cairo Press, 1980.

MYSLIWIEC, Karol – “Athribis, entre Memphis et Alexandrie”. *Les Dossiers d'Archéologie*, 213, L'Égypte du Delta: Les Capitales du Nord, Fontaine-lès-Dijon, 1996, 34-43.

O'CONNOR, David – *Abydos. Egypt's First Pharaohs and the Cult of Osiris*. Cairo: The American University in Cairo Press, 2019.

RAPOSO, Luís – “Arqueologia”, in *Dicionário do Antigo Egito*. Lisboa: Editorial Caminho, 2001, pp. 90-94.

REDFORD, Donald – “Mendés, une capitale éphémère”. *Les Dossiers d'Archéologie*, 213, L'Égypte du Delta: Les Capitales du Nord, Fontaine-lès-Dijon, 1996, 78-81.

REEVES, Nicholas; WILKINSON, Richard – *The Complete Valley of the Kings*. Londres: Thames and Hudson, 1996.

SNAPE, Steven – *The Complete Cities of Ancient Egypt*. Londres: Thames and Hudson, 2014.

SOULIÉ, Daniel – *Villes et Citadins au Temps des Pharaons*. Paris: Éditions Perrin, 2002.

STRUDWICK, Nigel; TAYLOR, John (eds.) – *The Theban Necropolis. Past, present and future*. Londres: British Museum Publications, 2003.

TRAUNECKER, Claude; GOLVIN, Jean-Claude – *Karnak. Réurrection d'un Site*. Paris, Fribourg: Éditions Payot, Office du Livre, 1984.

UPHILL, Eric – *Egyptian Towns and Cities*, Shire Egyptologie, 8, Aylesbury: Shire Publications Ltd, 1988.

VALBELLE, Dominique – *Les Ouvriers de la Tombe. Deir el-Médineh à l'Époque Ramesside*, Bibliothèque d'Étude, 96. Cairo: Institut Français d'Archéologie Orientale, 1985.

YOYOTTE, Jean – “Abydos” in Georges Posener (dir.), *Dictionnaire de la Civilisation Égyptienne*. Paris: Fernand Hazan, 1970, pp. 1-2.

YOYOTTE, Jean; BAKR, Mohamed Ibrahim – “Tell Basta/Boubastis”. *Les Dossiers d'Archéologie*, 213, L'Égypte du Delta: Les Capitales du Nord, Fontaine-lès-Dijon, 1996, 44-49.

ZIVIE-COCHE, Christiane – “Abydos”, in *Dictionnaire de l'Égypte Ancienne*. Paris: Albin Michel, 1998, pp. 17-23.